

O silêncio e as cores como ato político

Silence and colors as political act

Gabriela Melo e Karen Florindo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3996>

DOI: [10.4000/pontourbe.3996](https://doi.org/10.4000/pontourbe.3996)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Gabriela Melo e Karen Florindo, « O silêncio e as cores como ato político », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 22 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3996> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3996>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

O silêncio e as cores como ato político

Silence and colors as political act

Gabriela Melo e Karen Florindo

- 1 Ao chegarmos na manifestação, já contaminados pelas informações do pré-campo, os olhos correram para o grupo que se opunha à Judith Butler e, como solicitado pelos eventos que circulavam em redes sociais, a maioria dos homens vestia azul e as mulheres cor de rosa. Estavam dessa forma preparados para a performance que se seguiria durante as quatro horas de manifestação. Uma senhora branca, de aproximadamente 50 anos, com um grande laço cor de rosa prendendo os cabelos loiros distribuía, de maneira agitada, fitas das cores indicadas para os manifestantes que ousavam estar vestidos com outras cores.
- 2 Nós, pesquisadores e pesquisadoras, também estávamos preparados para a nossa performance em campo buscando a isenção possível na convergência política e ideológica presentes no confronto dos grupos, que denominamos como anti e pró-Butler. Buscamos simbolizar a neutralidade em nossas roupas, ninguém vestia azul nem rosa para não corresponder ou afrontar a ideia de representação binária dos gêneros. Também não vestíamos verde, nem amarelo para não fazer alusão aos grupos nacionalistas que evocam as cores da bandeira brasileira. Não vestíamos vermelho ou preto para não criar correspondências com as bandeiras identitárias ou partidárias, ou ainda que indicassem qualquer posição política tanto com setores considerados progressistas (vermelho como cor “comunista”), quanto com grupos anarquistas e antifascistas vestindo preto. Restou-nos o cinza. Buscamos também esconder nossas tatuagens, piercings e por algumas horas, nos enquadrar no que é lido como “padrão” ou “normal” em termos de heteronormatividade – o que não foi exatamente uma tarefa fácil para alguns de nós.



Imagem: Partições. Autoria: foto de Akira Guimarães.

- 3 Todavia, nossos corpos expressaram muito mais do que imaginávamos. A peculiaridade de uma prancheta na mão e a nossa apresentação como integrantes de um núcleo de pesquisa de uma faculdade de humanidades foi o suficiente para sermos interpretados pelo grupo conservador, o anti-Butler, como pessoas da esquerda, favoráveis àqueles que se posicionavam no outro ato e apoiadores da combatida “ideologia de gênero”. Sentimos que também estávamos sendo analisados. Os olhares curiosos correspondiam à pergunta “O que eles querem aqui?”.
- 4 Algumas pessoas não se preocuparam com o teor das nossas perguntas, mesmo sem conhecer ou compreender nosso trabalho, aceitaram responder de bom grado o que elas entendiam por “ideologia de gênero” ou qual era a relação com a filósofa estadunidense e outras questões. No entanto, outras pessoas nos interpretaram, aparentemente, como “infiltrados em campo de batalha” e não queriam ceder nenhuma informação. Por exemplo, um homem loiro na faixa etária de 40 anos, vestido com uma camisa azul e uma bandana da bandeira do Brasil amarrada na testa não quis conceder uma entrevista e anunciava para outras pessoas que fizessem o mesmo, com a seguinte fala: “Não vamos dar entrevistas a estes petralhas!”.
- 5 No início, os grupos eram pequenos em ambos os lados e nossa equipe gerava um impacto razoável na composição da manifestação, ainda numericamente pequena. A liderança do ato anti-Butler alertou ao microfone que nós estávamos dispersando os manifestantes e, em razão disso, foi solicitado que as entrevistas fossem concedidas somente fim da manifestação. Por alguns instantes ficamos com receio de não conseguir permanecer em campo. Porém, membros do grupo aceitaram subverter a ordem e realizaram as entrevistas no decorrer do evento, talvez pensando em dar visibilidade ao grupo ou simplesmente por terem a oportunidade de serem ouvidos.

- 6 A similaridade nos discursos chamava cada vez mais a nossa atenção, havia uma fonte comum que construía as mesmas alegações, preocupações e anseios. De forma regular, era possível encontrar palavras-chaves na maioria das falas, como “meta-capitalistas”; “financiamento”; “teoria da destruição da sociedade”; “ideologia de gênero”; “educação”; “doutrinação da esquerda”; “autoridade dos pais”; “garantia de direitos”; “Estado”, entre outras.
- 7 Logo na primeira entrevista, conversamos com uma senhora branca, aparentemente com mais de sessenta anos, que vestia rosa, com fitas também cor-de-rosa amarradas na testa e no braço. Quando uma de nossas pesquisadoras perguntou o motivo que a levava estar na manifestação, a senhora ficou emocionada e disse que era de “direita”, então seus olhos se encheram de lágrimas, precisando de uma breve pausa para se recompor e continuar. Comentou que a filósofa já esteve no Brasil em 2015 e viajava pelos países para propagar “ideologia de gênero”, “essa teoria de desconstrução”. Comentou ainda que a própria Butler assumiria que sua pauta faz parte da “agenda comunista” com o objetivo de implementar na cabeça das crianças que ninguém nasce menino ou menina e que elas mesmas podem escolher seu sexo, daí afirmou que isso é contra os valores cristãos e conservadores. Em seguida, conta que é de direita e emociona-se novamente, sem deixar de continuar seu monólogo. Ao pedirmos uma definição do que é essa ideologia, ela responde sem titubear “é uma teoria que visa ensinar para as crianças nas escolas, que ninguém nasce homem, nem mulher, mesmo nascendo com um corpo de homem ou mulher, a escolha do gênero será feita ao longo da vida”, afirmando que “toda essa engenhoca transmite conceitos totalmente contrários a biologia, contrários a ordem natural das coisas”. Ainda de acordo com a senhora, a filósofa Judith Butler é designada pela “Nova Ordem Mundial”, comandada pelos “globalistas” e pelo George Soros para implementar os valores da ideologia no Brasil.
- 8 Mesmo sem compreender muito bem o que era a chamada “teoria de desconstrução”, continuamos com as entrevistas sempre partindo da questão “O que é ideologia de gênero?”, mas as respostas voltavam a circundar sobre uma suposta teoria de manipulação da sociedade.
- 9 Não conhecíamos boa parte dos nomes e categorias que eles estavam mobilizando, mesmo com nossos estudos prévios, então fez-se necessário adaptar nossas questões durante as entrevistas. Apenas assim, conseguimos compreender os elementos que compunham a performance do grupo anti-Butler. Junto aos cartazes e vestimentas, os manifestantes conservadores carregaram três bonecos feitos de pano e em tamanho real, um deles era a Judith Butler vestida com um chapéu de bruxa e sutiã cor de rosa. O segundo boneco era do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que embaixo de seu rosto carregava uma placa escrito “falso”. E por fim, o terceiro boneco, que a princípio não despertou o nosso interesse e não conseguimos identificar quem era, mas no decorrer das entrevistas foi nomeado como George Soros.
- 10 Fomos falar com um homem que segurava o boneco do George Soros na beira da calçada. Ele nos explicou que Soros é um “meta-capitalista” que financia movimentos marxistas para causar o caos social para depois ser beneficiado através da bolsa de valores. Nisto, percebemos que essa teoria denominada por eles como “destruição da engenharia social” demonstra que a preocupação do grupo não foca apenas na construção da identidade das crianças, o debate sobre o que é ser menino e menina é superficial, o problema abissal é a luta pela manutenção do que foi chamado de “soberania dos conceitos conservadores” e os limites da atuação do Estado.

11 ***

12 Conforme o tempo passava, a manifestação ganhava corpo, aumentava-se o número de curiosos e de pessoas que se engajavam em algum dos atos que compunham a manifestação na frente do SESC Pompéia. Ironicamente, o lado esquerdo era ocupado pelo grupo conservador, enquanto a direita estava ocupada pelos progressistas. Os cartazes em ambos os lados defendiam suas respectivas causas, os diversos acessórios faziam parte da execução dos manifestos, como por exemplo, as bandeiras do Movimento Trans e LGBTQ+ de um lado e bonecos de pano e símbolos religiosos do outro. As falas através dos microfones, as cores específicas das vestimentas, entre outros atributos palpáveis e detalhes velados construía um performance e identidade dos grupos. Visivelmente, o grupo anti-Butler preocupou-se mais em construir o cenário da performance, com uma série de elementos que representassem suas pautas. Logo no início reparamos na preocupação em manter todos do grupo alinhados, seja no discurso, ou ainda na escolha de vestimentas e cartazes. Por isso, as primeiras entrevistas semiestruturadas foram feitas com pessoas que traduziam em sua imagem o que acreditávamos que era a pauta principal do ato, a teoria sobre a “ideologia de gênero”.

13 Ouvimos relatos que compreendiam a “ideologia de gênero” como uma forma de afrontamento aos valores morais conservadores que sustentam a sociedade. Argumentos baseados na biologia apareceram assiduamente em diferentes formas, quanto a defesa da família. Isso pode ser exemplificado na fala da liderança de um dos grupos cristãos a favor da família, da propriedade privada e da tradição, que afirma que a “teoria emprega que as crianças nascem sem gênero específico e não precisam de um documento dizendo se é menino ou menina, porque elas vão descobrir o que são depois de adultas (...) esta é uma forma de destruir a família, porque colocar na cabeça de uma criança que existe de 30 a 50 gêneros destrói a única diferença que há, existe tanta diversidade que se torna uma espécie de uma igualdade falsa entre sexos e ajuda a propaganda do movimento homossexual”.

14 Em virtude da chamada “ideologia de gênero” ser dada como uma teoria que visa doutrinar as crianças sobre as práticas “antinaturais e obscenas” através da educação, os pais do grupo conservador demonstraram grande preocupação com o que é ensinado nas escolas e buscam alternativas de controle do conteúdo ministrado. Um homem negro, com faixa etária de 20 anos, vestido de preto e jeans, nos elucidou sobre esta preocupação ao dizer: “A “ideologia de gênero” é uma ideia dada pela patrona Butler que aborda sobre a sexualidade infantil e que vai contra a Constituição Brasileira, pois aflije o direito dos pais sobre a educação das crianças, (...) eu acho errado essa doutrinação nas escolas, porque não respeita as opiniões contrárias, os pais devem ter opção de escolha sobre o que seus filhos devem ou não aprender”. Continuou sua fala dizendo que retiraria seu filho de uma escola que abordasse pautas evangélicas, pois não concordar com esses ensinamentos, já que frequenta a igreja católica. E enfatiza “a luta é para que cada um possa ter o direito de aderir e ensinar seus ideais, mas cada um dentro das suas próprias instituições. Agora, não implemente uma lei que coloca para todo mundo, porque aí todo mundo não tem como fugir”. E conclui dizendo, “a pauta de “ideologia de gênero” quer ser implementada em todas as escolas públicas, onde estudam os filhos dos pobres, filhos dos operários e dos pequenos/médios empresários, essa é uma forma de doutrinação, porque nas faculdades de humanas os professores são todos de esquerda”.

- 15 Aproveitamos o ensejo para perguntar sua opinião sobre o projeto “Escola Sem Partido” e ele comentou que não acha uma ideia ruim, pois “do outro lado - fazendo referência ao ato pró-Butler - tem muitos professores universitários de esquerda que doutrinam seus alunos, então o Estado deve controlar o que é ensinado, pois discutir gênero com crianças é autoridade dos pais. O Estado deve respeitar o que a maiorias das pessoas querem, porque não quero que minha filha aprenda sobre adultério, pedofilia e “*homossexualismo*”.” No final, afirmou que todas essas pautas são postas como táticas de polarização, disse que não existe esquerda ou direita, “todas essas discussões são formas de alienação, como a luta de classes dita pelo Karl Marx, a luta de branco contra negro, etc... antes de tudo somos todos brasileiros”.
- 16 A linha de raciocínio do grupo baseia-se na proteção da “família tradicional”, dos seus costumes e valores. Comparando as entrevistas é possível afirmar que, para o grupo anti-Butler, a sociedade e principalmente as crianças devem agir dentro da norma e de acordo com a “maioria”. Inúmeras vezes no decorrer das questões ouvimos que os “conservadores são a maioria”, e em função disso, o outro grupo e as demais instituições, como as escolas e o Estado, deveriam respeitar suas preferências. Uma vez que, todo o ativismo ali presente voltava-se na proteção da “soberania dos conceitos conservadores”, qualquer inserção de uma pauta contrária é interpretada como uma afronta aos seus próprios direitos. Foi impossível não associar essas falas à “tirania da maioria” e na quantidade de contradições que a democracia explicita em momentos de conflito.
- 17 Para além dessas questões, a partir do *survey* conseguimos captar que cerca de 72,97% dos manifestantes contrários concorda com a afirmação “uma intervenção militar poderia ajudar o Brasil”, opinião que traduz numericamente os cartazes e gritos de ordem. Como compreender as inconstâncias e subjetividades desses sujeitos que em ato, exerciam os mais liberais dos preceitos democráticos, a participação direta e a liberdade de discursar contra o próprio Estado, mas ao mesmo tempo se posicionam favoráveis a uma intervenção militar no país, negligenciando o nosso passado censurado pela ditadura?
- 18 Enquanto todas essas questões políticas foram postas no campo, questionando diretamente ou indiretamente a própria democracia, era nítido em nossos semblantes o incômodo e talvez o incômodo de todas as pessoas ali presentes. Depois das quatro longas horas de manifestação, o silêncio tomou conta da rua Clélia, e como diria a poeta polaca Wisława Szymborska: “ficamos ermos no campo, como em épocas passadas e menos políticas”, tentando digerir as tenuidades da liberdade de expressão e a intolerância.

AUTORES

GABRIELA MELO

Graduanda em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. É idealizadora e integrante do coletivo feminista Virginia Leone Bicudo e atua na área de gênero, educação e violência contra a mulher. Desenvolve pesquisa sobre coletivos de Mães pela Escola Sem Partido. É pesquisadora do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual da FESPSP.

KAREN FLORINDO

Graduanda em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. É bolsista de iniciação científica PIBIC, pesquisando o Centro de Educação e Cultura Indígena – CECI na TI do Jaraguá e membro da Cátedra Celso Furtado da FESPSP. Seu tema de pesquisa é Primavera Árabe e a questão síria, buscando entender a onda “pró-democracia”, papel da mídia internacional e a reprodução de olhares *orientalistas*. É pesquisadora do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual na FESPSP.